

Amor à Vida ou Amor à Morte, Reflexão sobre a Pedagogia do Coronavírus

BARBALHO, José Ivamilson Silva¹
Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia,
Alagoas, Brasil

RESUMO

Vivenciamos um momento chamado também de *normalidade da exceção*, quando o sistema neoliberal se impôs como modelo de economia financeira ao mundo, desde os anos de 1980. No cenário atual, face aos problemas advindos da situação provocada pela pandemia da Covid-19, pessoas e instituições foram afetadas em suas rotinas cotidianas. Temos, então, de maneira macro, um estado de excepcionalidade. O desafio tem sido encontrar formas diversas de reorganizar – no plano da convivência, lazer e trabalho – as relações sociais, quanto à falta de “normalidade”. Afetados pelo desequilíbrio financeiro, distúrbios emocionais, desorganização política ou interrupção de serviços, a crise pandêmica coloca em xeque, para todas as instituições, a necessidade de encontrar respostas quanto à produção de conhecimentos que poderão auxiliar no enfrentamento do Coronavírus. Esse estudo, de caráter teórico e analítico, busca refletir, sucintamente, numa perspectiva ética e sócio-antropológica, possibilidades de respostas acerca de algumas situações colocadas pela Covid-19, no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Biofilia. Necrofagia. Pedagogia do Vírus. Crise Pandêmica. Covid-19.

Love of Life or Love of Death, Reflection on the Pedagogy of the Coronavirus

ABSTRACT

We are experiencing a moment also called the normality of the exception, when the neoliberal system imposed itself as a model of financial economy to the world, since the 1980s. In the current scenario, given the problems arising from the situation caused by the Covid-19 pandemic, people and institutions were affected in their daily routines. We have, then, in a macro way, a state of exceptionality. The challenge has been to find different ways to reorganize – in terms of coexistence, leisure and work – social relations, in terms

¹ Professor associado da UFAL, lotado em Delmiro Gouveia. Coordena Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação Escolar Indígena e Quilombola do Campus do Sertão. é Vice coordenador do NUPEAH – Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e Históricos. atualmente exerce a função de Diretor da EDUFAL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5624008859123566>.

of the lack of “normality”. Affected by financial imbalance, emotional disturbances, political disorganization or interruption of services, the pandemic crisis calls into question, for all institutions, the need to find answers regarding the production of knowledge that can help to face the Coronavirus. This study, of a theoretical and analytical nature, seeks to reflect, succinctly, in an ethical and socio-anthropological perspective, possibilities of answers about some situations posed by Covid-19, in the Brazilian context.

Keywords: Biophilia. Necrophagy. Virus Pedagogy. Pandemic Crisis. Covid-19.

Amor a la vida o amor a la muerte, reflexión sobre la pedagogía del coronavirus

RESUMEN

Estamos viviendo un momento también llamado normalidad de la excepción, cuando el sistema neoliberal se impuso como modelo de economía financiera al mundo, desde la década de 1980. En el escenario actual, ante los problemas derivados de la situación provocada por el Covid-19 pandemia, las personas e instituciones se vieron afectadas en sus rutinas diarias. Tenemos, entonces, de manera macro, un estado de excepcionalidad. El desafío ha sido encontrar formas diferentes de reorganizar -en términos de convivencia, ocio y trabajo- las relaciones sociales, en términos de la falta de “normalidad”. Afectada por el desequilibrio financiero, los disturbios emocionales, la desorganización política o la interrupción de los servicios, la crisis de la pandemia pone en entredicho, para todas las instituciones, la necesidad de encontrar respuestas en cuanto a la producción de conocimiento que pueda ayudar a enfrentar el Coronavirus. Este estudio, de carácter teórico y analítico, busca reflexionar, sucintamente, en una perspectiva ética y socioantropológica, posibilidades de respuestas sobre algunas situaciones planteadas por la Covid-19, en el contexto brasileño.

Palabras clave: Biofilia. Necrofagia. Pedagogía viral. Crisis pandémica. COVID-19.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de
Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253435>

Amor à vida ou amor à morte: vias de acesso

Num estudo antigo, Erich Fromm (1970), elabora uma reflexão, numa perspectiva psicanalítica de época, que ainda nos faz refletir. Argumenta sobre as tendências orientadas contra a vida, enquanto núcleo duro de graves problemas, também mental, como essência do verdadeiro problema hodierno: a necrofilia². Diz o autor, que uma pessoa inclinada pela perspectiva necrófila é profundamente atraída, interessada, fascinada a tudo que não é vivo, a formas inorgânicas, ao que se encontra morto, como cadáveres, sujeiras, fezes, matérias em decomposição. Os necrófilos, em geral, adoram tagarelar sobre doenças, velórios, situações de risco, perigos, assassinatos. Suas vidas parecem ganhar sentido quando dispõem de oportunidade de falar de morte. A tendência dos necrófilos é buscar sentido nas coisas passadas – subtraem horizontes do presente –, e acreditam que a história se manifesta naquilo que se viveu. Fromm atesta o tipo necrófilo em pessoas frias, equidistantes, fervorosas e sectários da “lei e da ordem”. Estão inversamente ligadas ao que poderíamos chamar de vida “normal”, porque aquilo que os excitam e lhes causam prazer, advém do desejo de morte, constituindo a base central de seus valores. Uma das características do necrófilo, de acordo com o autor, é obstinação em relação ao uso da força. No sentido psicanalítico aqui atribuído, força é “(...) a capacidade de transformar um homem num cadáver. (...) Toda força é, em última análise, baseada no poder para matar (FROMM, 1970, p. 42). Em termos patológicos o necrófilo é “verdadeiramente enamorado da força”; “(...) está apaixonado pelos matadores” (Id., p. 43). Não é difícil identificar semelhanças dessa tendência no seio da sociedade brasileira. A explosão de violência no cenário atual³ revela quão próximos estamos do amor à morte, da banalização

2 Fromm define, literalmente, necrofilia como “amor à morte”; e seu oposto, a biofilia, “amor à vida”.

do mal, conforme disse Hanna Arendt, em seu estudo clássico⁴. Fromm, compreende que a defesa da vida se caracteriza pelo crescimento, de maneira plena; opostamente, uma pessoa necrófila, devota-se a amar o que não cresce, manipular o que é mecânico. Ou seja, torna-se alguém impelida pelo ardente desejo de alterar radicalmente o “orgânico em inorgânico”, aproximando-se da vida gelidamente, transformando as pessoas em números, coisas vivas, que devem morrer.

Enquanto o amor à vida, conforme dito, se caracteriza pelo crescimento de modo estruturado, a perspectiva necrófila ama tudo o que não cresce ou vigora. É impelida pelo desejo de transformar o orgânico em inorgânico, de aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Os processos vitais de sociabilidades, sentimentos compartilhados e pensamentos produzidos, são alterados profundamente. “Memória em vez de experiência; ter, em vez de ser, é o que interessa” (Id., p. 44).

O necrófilo pode relacionar-se com um objeto – uma flor ou uma pessoa – somente se possuir esta; por isso uma ameaça às suas posses é uma ameaça a ele mesmo; se perder a posse, perderá contato com o mundo. É por isso que deparamos com a reação paradoxal dos que preferem perder a vida do que as posses, apesar de ao perder a vida o que possui cessa de existir. Ele gosta de controle e, no ato de controlar, ele mata a vida. Teme profundamente a vida, por ser esta pela própria natureza desordenada e incontrolável. (FROMM, 1970, p. 44)

Quanto a visão de justiça para o necrófilo, essa torna-se paradoxalmente

3 Segundo Betto (2020, p. 104-5), o Brasil é campeão mundial de homicídios, com mais de 60 mil assassinatos por ano. Recebendo agora incentivo estatal para o comércio de armas, as coisas se complicam. E conclama dizendo, noutras palavras, que não é no grito, no uso da força ou das armas que iremos buscar consenso e erradicar as causas mais graves de antigos problemas.

4 Vide Hannah Arendt, 1999.

emblemática. Significa dizer que tanto matar como morrer estão ajustados no conceito que denomina de justiça. No Brasil, temos presenciado explosão daqueles que em nome dos supremos valores da “lei e da ordem”, saem em sua máxima defesa; revestem-se de um patriotismo às avessas, e ajoelham-se, no nível de devoção, a mitos e ídolos feitos com pés de barro.

Se por um lado temos a orientação necrófila, seu oposto também existe, a biófila⁵. Nesse caso, ainda seguindo Fromm, sua essência é o amor à vida na contramão do amor à morte e tudo que ele apresenta. Não se pode definir a biofilia tão pouco a necrofilia num traço único. De modo geral, ela se manifesta na maneira de ser da pessoa. Desde os gestos, atitudes, sentimentos, formas de expressão, emoções. Para Fromm o desabrochar da biofilia encontra-se na pessoa cuja orientação produtiva seja atraída pelo crescimento da vida em todas as suas possibilidades e potencialidades. A maneira de abordar a vida é integradora. Isto é, “vê a totalidade em vez das partes, estruturas em vez de somas”. De modo particular, o biófilo anela influenciar “pelo amor, pela razão, pelo exemplo”, jamais utilizando-se da “força” (Id., p. 50), eis a ética biofílica⁶.

Seguindo as contribuições de Fromm, podemos perguntar: quando haveremos de sair da cova escura da ignorância, transpor o vale da indecisão, alçar harmonia e paz verdadeiras? No contexto atual, difícil é livra-se dos calvários pessoais, estando preso ao cordão do trio elétrico da ganância. Pessoas modificadas superficialmente, imbuídas de hostilidades e formas danosas de vida, enxameiam humanidades a milênios. Urge, nesse caso,

⁵ Segundo Fromm (Id., p. 51) a maioria das pessoas é uma determinada mescla das orientações biofílica e necrofílica, e o que importa é qual das duas tendências é dominante.

⁶ Características da consciência biófila: abundância, combate às injustiças; defesa da liberdade, amor à vida. Orientação necrófila: desprezo a vida, avareza exagerada; obstinação pelo poder; sadismo; masoquismo; devoção a lei e ordem; apego ao passado; aversão a ciência; apreço ao mecânico.

encontrar indivíduos capazes de edificar um mundo fraterno, coberto de paz⁷. O que em verdade pode alimentar nossa humanidade advém do respeito mútuo; das relações constituídas à base de recíproca lealdade; da luta por formas legítimas de justiça social; do pleno cuidado com a defesa das diversas formas de vida no mundo (FRANCISCO, 2013). Toda essa lama abismal que aquece historicamente o neoliberalismo econômico (DOWBOR, 2017), não deve ser confundida como a única solução do império global (SANTOS, 2008). Qualquer governo que aponta como perspectiva o incitamento de chamas vingativas, discórdias ou criminalidades, irá produzir instabilidades, com resultados inimagináveis de médio e longo prazos. Celeumas políticas acompanhadas de cruentas agitações sociais, não cessarão sem a participação lúcida nos espaços onde elas se deflagram. Nesse sentido, dever-se-ia albergar ideais de democracia e justiça social, combatendo aquilo que tem sido apelo à confusão das mentes e explosão de ódios. Somente um pensamento nascido da insanidade, considera a profusão de armas como sinônimo de paz. Deveríamos já estar cômicos em relação às misérias do mundo. A vida submetida pela aquisição descontrolada de quinquilharias materiais; o amor a tudo que seja inorgânico; simpatia com formas perversas de violência ou adesão à posse de armas, tende a revelar o espírito de uma época⁸. Se quisermos ser inspiração para uma nova consciência democrática, ajudar na restauração daquilo que tem sido obstrução à justiça, esperança e paz, necessário se faz, amarrar nossos pensamentos nas asas da verdade, expulsando para longe toda forma de tirania, agressividade e desejo de vingança (BARBALHO & ALMEIDA, 2019). Bolsos cheios de dinheiro desonesto é uma das formas mais grosseiras de destruição do espírito democrático contemporâneo. Quantos casos não têm sido divulgados nos telejornais e redes sociais, alguns acompanhados de inquéritos policiais, denunciando o superfaturamento ou não entrega, na compra de respiradores e

⁷ Não há como socorrer alguém se afogando sem expor-se a perigos.

⁸ Toda intemperança se manifesta na produção do alarde.

outros equipamentos dos hospitais de campanha, nesse período de crise pandêmica. A corrupção não é somente dos gestores, as empresas, ao elevarem os preços, tornam-se correia de transmissão da mesma engrenagem criminosa.

Obviamente, nem a sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) nem o consumismo hodierno (DESJEUX, 2015), serão as respostas necessárias da crise em curso. Em *shopping center* não se compra a esperança, tão pouco se negocia a bondade. A ternura não é vendida em vitrines luxuosas. As coisas mais importantes para vida não se acham exposta em galerias ou prateleiras de supermercados. Talvez essas lições possam ser apreendidas durante a pandemia da Covid-19 e, coletivamente, autoridades e sociedade civil organizada possam dar real prioridade à educação, saúde coletiva, produção científica, amparando os mais vulnerados.

Sobre a crise pandêmica

Temos presenciado diferentes tentativas de falir o sistema democrático nacional, fraturado brutalmente pelo jogo fútil e mesquinho dos interesses da alta burguesia brasileira. Esses interesses colocam à deriva a necessidade de soluções alternativas reais, cujo alcance pudesse ser geral ou mais inclusivo. Se, de muitas maneiras, as alternativas estão alijadas do debate político, elas tornam-se uma espécie de quimera para maioria das pessoas. O atual colapso do sistema público de saúde, a precarização dos serviços essenciais à vida cidadã, a idolatria do inorgânico, a sociedade refém e ocultada atrás do mercado, o fetichismo do dinheiro e do capital, a contemplação e o sacrifício dos condenados a subvidas, a gravíssima destruição ambiental⁹, a ortodoxia e tirania

⁹ Concentração de riqueza; aumento dos níveis de extrema pobreza; alargamento das desigualdades sociais e iminente catástrofe ecológica global, são retratos de uma economia de sacrifícios de vidas. Já estamos presenciado, com o Covid-19, o aumento da pobreza e empobrecimento em escala global.

financeira etc., tendem a piorar ainda mais, nesse momento de grave crise pandêmica. O coronavírus veio fermentar essas contradições. Significa dizer, que as alternativas poderão voltar muito mais arruinadas, num pós-crise¹⁰. Paradoxalmente, podemos dizer que vivemos um momento de uma conjuntura estapafúrdia: invisibilidade dos problemas e imprevisibilidade de soluções, num mesmo cenário espetacular. Noutras palavras, estamos dando continuidade a narrativas do sofrimento humano, sob o mote da ultra exploração capitalista, era que se deleita dos sacrifícios de vidas e produz a glorificação do mercado, como a única bandeira hasteada de salvação geral. Nesse ambiente de destruição implacável dos valores humanos, a Covid-19, nos traz mais perguntas que soluções¹¹. Dentre outras questionemo-nos: a) Estaria em condições de responder a contento a maior parte da população do mundo ao surto pandêmico? b) De que maneira os mais vulneráveis podem seguir as recomendações das autoridades sanitárias (OMS, Ministério da Saúde, Secretarias de Saúde), realizar o isolamento social de forma correta para si e segura para outros? c) Em que medida grupos de famílias sobrevivendo em apertados, minúsculos e limitados espaços, podem se proteger do vírus? d) Pessoas confinadas em túneis, que quarentena poderiam adotar numa provável infecção? e) Como aqueles que vivem em ambientes sob os riscos da poluição ambiental podem se defender de mais um vírus? f) Os trabalhadores/as em situação precárias, os que necessitam trabalhar para comer, alimentar suas famílias e não morrerem de fome, quais escolhas eles/as realmente têm? g)

10 Segundo Santos (2020, p. 24) um ambiente pós-crise será caracterizado por mais políticas de austeridade contra os pobres e aprofundamento de maior degradação dos principais serviços públicos, onde isso ainda for possível.

11 Diz Santos (Ob. cit., p. 28) que o regresso à “normalidade” não será igualmente fácil para todos. Daí interroga: “Quando se reconstituirão os rendimentos anteriores? Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperam os atrasos na educação e nas carreiras? Desaparecerá o Estado de exceção que foi criado para responder à pandemia tão rapidamente quanto a pandemia?”

Como praticam a higiene das mãos, o distanciamento recomendado ou o uso intercalado de máscaras, os apenados, internados em manicômios, os refugiados em campos coletivos? i) Os que não dispõem de água potável suficiente nem para cozinhar ou saciar a sede, têm condições de priorizar a higiene pessoal?

Contrariando aos que argumentam pela suposta democratização do vírus, diremos que não existe democracia de vírus onde a seletividade alcança os corpos mais vulnerados: idosos, refugiados, moradores/as da rua e periferias, indígenas, mulheres, apenados/as, sem-teto, trabalhadores/as informais etc., conforme mostra o surto pandêmico atual. Vejamos então, algumas dessas “situações”, desdobradas pela lúcida análise de Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 14-19) em relação à crise gerada da pandemia do coronavírus, enquanto colapso do sistema capitalista.

- *As mulheres.* As mulheres¹², segundo Santos (2020, p. 14) são consideradas “as cuidadoras do mundo”, estão na prestação de cuidados dentro e fora das famílias. Dominam em profissões como enfermagem ou assistência social, que estarão na linha de frente da prestação de cuidados a doentes e idosos dentro e fora das instituições.
- *Os trabalhadores precários, informais, ditos autônomos.* Questiona o autor: “o que significa a quarentena para estes trabalhadores, que tendem a ser os mais rapidamente despedidos sempre que há uma crise econômica?”¹³ Destaca que o setor de serviços, onde abundam, será uma das áreas mais afetadas pela quarentena. Na América Latina, em particular, cerca de 50%

12 Coletivos de mulheres têm denunciado, em redes sociais, o crescimento da violência no ambiente doméstico na atual crise pandêmica. Historicamente, embora injustificável, em tempos de guerra e crise, a violência contra as mulheres aumenta.

13 Noutras palavras: “o que significa a quarentena para os trabalhadores que ganham dia-a-dia para viver dia-a-dia?”. (SANTOS, ob. cit., p. 16)

dos trabalhadores empregam-se no setor informal. De modo análogo, no caso do Quênia ou Moçambique, devido aos programas de reajustamento estrutural dos anos 1980-90, a maioria dos trabalhadores é informal. (Ob. cit., p. 15)

- *Os trabalhadores da rua.* “Há muito tempo que os vendedores vivem em quarentena na rua, mas na rua com gente”, diz Santos (lb.). O impedimento de trabalhar para os que vendem nos mercados informais das grandes urbes significa que potencialmente milhões de pessoas não terão dinheiro sequer para acorrer às unidades de saúde se caírem doentes ou para comprar desinfetante para as mãos e sabão. Quem tem fome não pode ter a veleidade de comprar sabão e água a preços que começam a sofrer o peso da especulação. (lb., idem, p. 16)
- *Os sem-abrigo ou populações de rua.* Os sem-abrigo que passam as noites nos viadutos, nas estações de metrô ou de comboio abandonadas, nos túneis de águas pluviais ou túneis de esgoto em tantas cidades do mundo, pergunta o autor: Como será a quarentena de quem não tem casa? (lb., idem)
- *Os moradores nas periferias pobres das cidades, favelas.* Segundo dados da ONU Habitar, de acordo com Santos (Id., p. 17), 1,6 mil milhões de pessoas não tem habitação adequada e 25% da população mundial vive em bairros informais sem infraestruturas nem saneamento básico, sem acesso a serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Vivem em espaços exíguos onde se aglomeram famílias numerosas¹⁴. (...) *habitam na cidade sem direito à cidade* (grifos nossos), já que, vivendo em espaços desurbanizados, não têm acesso às condições urbanas pressupostas pelo

¹⁴ A exemplo de Mathare, um dos bairros periféricos de pessoas com baixa renda em Nairobi, no Quênia, 68 941 pessoas vivem num quilometro quadrado. (Cf. Santos, ob. cit., p.17)

direito à cidade.

- *Os internados em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente.* Para esse caso, de acordo com Santos (Id., p. 18), seguindo dados da ONU, a cifra é de 70 milhões de pessoas. São populações que, em grande parte, vivem em permanente quarentena e em relação às quais a nova quarentena pouco significa enquanto regra de confinamento.
- *Os deficientes, idosos.* Interroga-nos Santos (Id. p. 19): Como viverão a nova quarentena, sobretudo quando dependem de quem tem de violar a quarentena para lhes prestar alguma ajuda?

No quadrante acima, se evidencia como “alguns corpos” estarão/estão mais vulneráveis que outros. Denota, explicitamente, que determinadas políticas são equidistantes e certamente não irão se tornar base comum para esmagadora maioria; expõe a face cruel do novo darwinismo econômico; denuncia um genocídio anunciado no atual cenário pandêmico, que hipervaloriza o mercado, o mundo dos objetos, em detrimento das pessoas e meio ambiente; questiona a violência sistêmica do sistema e sua ferocidade contra à natureza dos seres humanos. Essas e outras questões deveriam nos provocar acerca do “*modo de viver, produzir, consumir, conviver*” que dispomos. Sem querer ser redundante, seja imperativo afirmar, que a maneira como respondemos e nos colocamos nessas situações, podem definir o futuro da humanidade.

Certamente o que quase todos/as esperam é encontrar uma solução eficaz para o coronavírus. Porém, quão distantes estamos de criar uma vacina que mate o vírus da violência doméstica; do desmatamento das florestas, da caça predatória; discriminação sexista, o patriarcado histórico, o feminicídio nefasto, a necropolítica, o epistemicídio, a doença do racismo, fome sem fronteira, indiferenças e as injustiças. Urge um antídoto contra a lógica antívida

do neoliberalismo a fim de fazermos a “defesa da sociedade”, na perspectiva atribuída por Michel Foucault (2000). Nesse sentido, arguindo com Santos, se faz mais uma vez necessário expressar, que a pandemia do coronavírus

é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta Terra. Esta violação traduz-se na morte desnecessária de muito seres vivos da Mãe Terra, nossa casa comum, como defendem os *povos indígenas e camponeses de todo o mundo* (grifos nossos), hoje secundados pelos movimentos ecologistas e pela teologia ecológica. Essa violação não ficará impune. As pandemias, tal como as manifestações da crise ecológica, são a punição que sofremos por tal violação. Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de luta autodefesa. O planeta tem de se defender para garantir a sua vida. A vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária a defender. (Ob. cit., p., 22)

Assim como o Santos¹⁵, defendemos que a quarentena disseminada pela pandemia da Covid-19 é, em larga escala, uma “quarentena dentro da quarentena”, aquela gerada friamente pela lógica antivida do sistema de exploração capitalista. E, para superar a quarentena e pandemias do capitalismo¹⁶, seja necessário, assim como cuidar melhor uns dos outros, defender amorosamente o planeta, imaginando-o como um lugar possível e

15 Sua análise procura dar conta dos riscos da pandemia, sem deixar de refletir sobre a necessidade de superar as contradições do sistema capitalista.

16 Sofrimentos e injustiças, eis a metáfora mor, dos últimos 300 anos, do sistema de exploração em curso.

necessário à todas as formas de vida.

Onde estiver o cadáver, lá se juntam os abutres

Um percentual expressivo de pessoas sabe: Estamos há muitos anos sofrendo com o ódio dos opressores¹⁷. Como podemos amá-los sem arruinar nosso caráter? De que maneira manter atitude serena, quando, deliberadamente, os mais frágeis são perseguidos, destruídos, esmagados sem piedade ou compaixão? Os ataques das elites não têm limites nem interrupção. A lama do desrespeito e as pedras da calúnia se juntaram num mesmo flanco de guerra diária para liquidar o direitos dos trabalhadores/as em todos os quadrantes da terra. Riem e martirizam dos nobres pacificadores; pisam nas sementes de boa-vontade, arruinam os frutos ainda tenros de vida plena; exalam odores de morte, transtornando mentes indefesas; difundem emanções de má-fé, intrigas e discórdias, no seio da sociedade confusa; disseminam clima de instabilidade, pânico e medo, no interior das famílias carentes; alimentam a seara da desconfiança, por onde quer que passem; apedrejam as flores da esperança, no seio da juventude fragmentada; envenenam as multidões, com mentiras, injúrias, gritos e *fake news*; projetam um futuro sombrio aos que ousam rebelar-se contra suas tiranias; tornam a volúpia condição natural, de suas imoralidades incontáveis; impõe ferrenha perseguição aos que discordam de seus pontos de vista, usurpando liberdades coletivas; assassinam minorias indefesas, à revelia das leis e da ordem; destroem impiedosamente todos os ecossistemas naturais, pondo em riscos gerações atuais e futuras; combatem, à luz de um irracionalismo doente, os sistemas educacionais, a ciência e suas

17 Governos tiranos, multinacionais, bancos privados, milícias e exércitos, vendilhões da fé, ideólogos do mal, elites do atraso, mídia golpista. Os opressores têm muitas máscaras. Avinagrar a vida do próximo, com sofrimentos desnecessários, tem sido a mais forte razão de ser dos tiranos no mundo, ao longo dos séculos.

fronteiras; lesam as instituições públicas, sucateando seus recursos e estruturas; penalizam as populações mais pobres, retirando investimentos da saúde, segurança, transporte e bem estar; instigam práticas homofóbicas, sob o mote de uma pseudomoralidade cristã; propagam o personalismo delinquente, com ares de naturalidade reconfortante; pregam a apologia ao ódio, como forma de impor vontade própria¹⁸; recusam-se participar de espaços democráticos, alimentando-se nos sectarismos extremistas; acercam-se de fundamentalismos religiosos, deturpando a pureza das religiões, como forma de legitimar suas maldades¹⁹; estabelecem contínua segregação, ao invés da agregação social. Abraçar ou fugir da brutalidade; desejar a intimidade da paz ou o cultivo da agressão é uma questão de propósito e formação de caráter. Dificílimo encontrar uma única instituição que não esteja atravessada pela negatividade da agressão, calúnia ou discórdia. Hoje nos tornamos a principal espécie que verdadeiramente ameaça todas as outras. E, sem estarmos satisfeitos com isso, criamos sociedades, organizadas sob a loucura da desintegração social.

Não fomos criados para sermos autores de obras mortas, escravos da egolatria, apóstolos de mentiras, assassinos da esperança, mentores de ódios, cultores de anedotas indignas, gestores da corrupção, sacerdotes do contratestemunho, comunicadores do caos, médicos da usura, educadores medíocres, cientistas de guerra²⁰. Somos elos de uma corrente maior,

18 A dispersão de energias negativas têm gerado os mais estranhos e perversos comportamentos, naturalizados como normais. É o que tem demonstrado a aglomeração dos fascistas nas ruas. O interesse imediatista satisfeito, realizado compulsivamente, torna-se sua principal fonte de alegria.

19 Infeliz daquele cuja “(...) garganta seja um sepulcro aberto.” (Rm 3,13)

20 Reflete e auxilia; abre e acolhe; encoraja e fortalece; ajuda e ergue; medita e equilibra; educa e eleva; acolhe e ampara; multiplica e divide; socorre e cuida; trata e fortalece; semeia e distribui; supera e resiste; apoia e coopera; examina e atende; reflete e consola; aprende e ensina; luta e denuncia. Quem sabe, nesse momento crucial de pandemia, talvez sejam esses os *pares* que verdadeiramente mais importam.

integrando-se e integrados uns aos outros. Assim, quando um único elo se rompe a divisão se multiplica, e a disrupção se anuncia²¹. Todavia, não devemos permitir que as surpresas constrangedoras da vida diária sejam a causa de desfalecimento da busca pela paz, esperança e união, entre nossas comunidades e povos. Em sentido homólogo, que o granizo arrasador da dúvida não destrua os dias de esperança numa vida renovada pela paz. Ainda que os emissários da morte contemos aos milhares e os embaixadores da paz com a palma de uma mão aberta encontremos seu número, não podemos abdicar do pacifismo, da vida edificada na dignidade e pautada pela justiça. Toda pessoa pode usar seu tempo como um motor contínuo de distração, esperando colher resultados das situações que definiu como necessárias e inadiáveis à vida que anela ter; ou dispor, de maneira contrária, como um recurso extraordinário de valoração naquilo que realmente necessita ser melhorado, em relação as misérias e estado de injustiças do mundo. Sabemos, os pés chumbados na inércia não ajudam na transposição do obstáculo

A pandemia da Covid-19, conforme estamos analisando, com seu rastro de mortes (só no Brasil, outubro de 2021, com mais de 600 mil mortes contabilizadas), instabilidade de governança, crise financeira e distúrbios emocionais, pode ou deveria modificar, em grande medida, a maneira como nos colocamos no mundo. Chegará o dia onde alguns haverão de compreender que serão corrigidos pelas dores e elevados pelas atitudes. Não se escapa: os que lançam sombras no mundo ou se nutrem de pensamentos dilacerados por presídios mentais, calcinam o próprio coração, no ácido da ignorância. Embora submersa nos limites estruturais e sacrificiais do capitalismo, a “pandemia” abre questionamentos para os que permanecem petrificados na indiferença; insistem ficar envoltos nos cipoais da perturbação social; deixam-se algemar nas farpas da incompreensão ou estão arruinados na expectante cobiça. Em geral, os que

21 Uma multidão enferma de entendimentos e confusa de diretrizes, cai de joelhos a cada instante, nas garras de qualquer charlatão.

abdicam da luta pela justiça, ensoberbece-se de poder e corroboram com a morte das democracias²², são favoráveis à arrogância dos fascistas e ao crescimento dos extremistas.

Nós não sabemos que demagogos extremistas surgem de tempos em tempos em todas as democracias, mesmo em democracias saudáveis. Os Estados Unidos tiveram o seu quinhão, incluindo Henry Ford, Huey Long, Joseph McCarthy e George Wallace. O teste essencial para a democracia não é se essas figuras surgem, mas, antes de tudo, se líderes políticos e especialmente os partidos políticos trabalham para evitar que eles acumulem poder – mantendo-os fora das chapas eleitorais dos partidos estabelecidos, recusando-se a endossar ou a se alinhar com eles e, quando necessário, juntando forças com rivais para apoiar candidatos democráticos. Isolar extremistas populares exige coragem política. Porém, quando o medo, o oportunismo ou erros de cálculo levam partidos estabelecidos a trazerem extremistas para as correntes dominantes, a democracia está em perigo. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 18)

“Onde a dor alheia, o não reconhecimento da alteridade e a perversão do prazer transformam-se em objetivo máximo das relações interpessoais”, conforme Jessé Souza (2017, p. 49), é sinal que a sociedade sofre de uma grave patologia social. Nossa terra tem se encharcado de sangue e acumulado injustiças inimagináveis, devido a ambição desregrada daqueles que odeiam a palavra democracia. Certamente as lições do vírus deixarão cicatrizes eternas.

22 Sobre o tema, “como morem das democracias”, vide a obra fundamental de Levitsky & Ziblantt (2018).

Concluindo

Nesse momento de expansão de variantes da Covid-19, alguns ainda empunham afiadíssimas espadas, provocando histeria social, sem medir riscos e consequências; guiados pela ferocidade, disseminam ignorância, perversidade, desarmonia e ódios. Todavia, se agirmos com consciência poderemos aposentar a espada da dor e ascender lamparinas de amor no *front* da pandemia. Cada um pode melhorar sua opinião e plantar sentimentos que fortaleçam a convivência geral; não se deixar guiar por mentes alucinadas. Sim, é o momento de jogar fora as espadas, enterrar os gestos assassinos, as mentiras indébitas, as grandes calúnias, o egoísmo frio e a ausência de compaixão. Talvez demore encontrar a plena cura para Covid-19, mas, nem por isso, precisamos continuar a inalar ódios, disseminar instabilidade social, promover atos de prepotência e abuso de poder.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **Erichann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BARBALHO, José Ivamilson Silva; ALMEIDA, Giseliene Medeiros.(orgs.). **Educações & Resistências**: diálogos, rupturas e alternâncias. Curitiba: Editora CRV. 2019.
- BETTO, Frei. **O Diabo na Corte**: leitura crítica do Brasil atual. São Paulo: Cortes Editora, 2020.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, 1997.
- DESJEUX, Dominique. **O Consumo**: abordagens em Ciências Sociais. Maceió: Edufal, 2015.

DOWBOR, Ladislau. **A Era do Capital Improdutivo**: São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

FRANÇA, Maria Lenilda Caetano Dos Princípios Universais Históricos ao Ordenamento Jurídico Brasileiro: educação um direito humano não disruptivo. In: BARBALHO, José Ivamilson Silva; ALMEIDA, Giseliene Medeiros (Orgs.). **Educações & Resistências**: diálogos, rupturas e alternâncias. Curitiba: Editora CRV. 2019.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.

FROMM, Erich. **O Coração do Homem**: seu gênio para o bem e para o mal. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEVITSKY, Steven; ZIBLANTT, Daniel. **Como Morrem as Democracias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almeida, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2008.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de: Janeiro: Leya, 2017.

Submissão em 02 de março de 2022.

Aceite em 02 de março de 2022.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>